

LINGUÍSTICA DE LÍNGUAS DE SINAIS: INTERFACES DE DESCRIÇÃO E ANÁLISE LINGUÍSTICA

Alexandre Melo de Sousa (UFAL/CNPq)

Magno Prado Gama Prates (UFAL)

Carlos Roberto Ludwig (UFT/UFNT/UFSC/CNPq)

Os estudos linguísticos das línguas de sinais, enquanto campo científico sistematizado, têm como marco inaugural os trabalhos de Stokoe (1960), sobre a Língua de Sinais Americana (ASL), que demonstraram, de forma pioneira, o estatuto linguístico pleno dessas línguas. Ao evidenciar que as línguas de sinais possuem estrutura fonológica, morfológica e sintática próprias, Stokoe rompeu com concepções reducionistas que as tratavam como meros sistemas gestuais. No Brasil, esse campo começa a se consolidar a partir da década de 1980, com as contribuições de Ferreira-Brito (1984, 1990, 1995), seguidas, nos anos posteriores, por pesquisas fundamentais desenvolvidas por Quadros (1999), Quadros e Karnopp (2004), entre outros/as pesquisadores/as que ampliaram as bases teóricas e descritivas da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

O reconhecimento institucional da Libras, por meio da Lei nº 10.436/2002 e sua regulamentação pelo Decreto nº 5.626/2005, constituiu um ponto de inflexão decisivo para o fortalecimento das pesquisas científicas na área. Esses marcos legais não apenas legitimaram a Libras como língua, mas também impulsionaram políticas linguísticas, educacionais e acadêmicas que favoreceram a sua difusão e estudo. Nesse contexto, a criação dos cursos de Letras-Libras desempenhou papel central, sobretudo por possibilitar o acesso de pessoas surdas ao ensino superior e sua inserção em espaços de produção de conhecimento. Tal movimento favoreceu o protagonismo surdo na investigação de sua própria língua, cultura e identidade, promovendo uma mudança epistemológica significativa no campo.

A ampliação do acesso de pesquisadores/as surdos/as aos Programas de Pós-Graduação, nas últimas décadas, intensificou a produção acadêmica em Libras e sobre línguas de sinais em geral, promovendo diálogos entre diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. Atualmente, observa-se, em todas as regiões do Brasil, uma produção robusta e diversificada que contempla múltiplos níveis de análise linguística (fonética, fonologia, morfologia, morfossintaxe, sintaxe, semântica, pragmática, estilística), bem como estudos voltados ao léxico, ao discurso, aos gêneros textuais, à aquisição da

linguagem, à sociolinguística e à linguística de corpus (Quadros, 2019). Um exemplo desse avanço é a publicação da *Gramática da Libras* (2023a; 2023b), em dois volumes, que, com base em dados do *Corpus* de Libras, evidencia a complexidade estrutural e a riqueza dos fenômenos linguísticos da língua.

É nesse cenário de consolidação e expansão que se insere o presente dossiê, reunindo trabalhos que evidenciam a pluralidade de interfaces entre descrição e análise linguística das línguas de sinais, com especial ênfase na Libras. Os artigos aqui apresentados podem ser organizados em eixos temáticos que, embora inter-relacionados, destacam diferentes dimensões do fenômeno linguístico e semiótico.

Um primeiro eixo congrega estudos voltados à estrutura linguística e à gramática da Libras, abordando fenômenos em níveis fonológicos, sintáticos e discursivos.

No artigo *Comparative Clauses in Brazilian Sign Language*, Carlos Roberto Ludwig desenvolve uma descrição minuciosa das orações adverbiais comparativas em Libras, com base em dados do *Corpus* de Libras produzidos por participantes surdos de referência. O estudo evidencia como relações de igualdade, superioridade e inferioridade são construídas por meio de diferentes estratégias linguísticas, incluindo o uso de conectivos lexicais específicos (como IGUAL, MAIS e construções do tipo MAIS... DO-QUE), e como por meio de justaposição assindética, em que a relação comparativa emerge do próprio encadeamento discursivo. Um dos aspectos mais relevantes da análise reside na demonstração do papel central dos marcadores não manuais (como movimentos de sobrancelhas, piscadas, contrações oculares e inclinações corporais) articulados ao uso do espaço de sinalização para mapear referentes e estabelecer contrastes. Ao evidenciar a integração entre componentes manuais, espaciais e prosódicos, o trabalho contribui de forma significativa para a compreensão da sintaxe complexa em línguas de modalidade visuoespacial.

No trabalho *A ordem do expor e os tipos de discursos em uma entrevista com especialista*, Girlaine Felisberto de Caldas Aguiar propõe uma análise textual da Libras fundamentada no Interacionismo Sociodiscursivo. A partir de uma entrevista sinalizada de divulgação científica, a autora investiga como se organizam os tipos de discurso (especialmente o interativo e o teórico) e como se configura a chamada “ordem do expor” nesse gênero. A análise qualitativa evidencia a alternância entre momentos de maior implicação do sujeito enunciador e trechos de maior autonomia discursiva, revelando marcas linguísticas que estruturam a progressão temática e a construção do conhecimento

em Libras. O estudo contribui para a compreensão dos gêneros acadêmico-científicos na língua de sinais e destaca implicações pedagógicas relevantes, sobretudo para a formação de professores surdos e para o ensino de Libras como segunda língua, ao indicar caminhos para a elaboração de materiais didáticos sensíveis à organização discursiva da língua.

Ainda no campo da gramática, o artigo *Grammaticalization of PALM-UP in Libras*, também de autoria de Carlos Roberto Ludwig, investiga os processos de gramaticalização do sinal PALM-UP a partir de uma abordagem baseada em corpus. A análise, realizada com dados anotados no software ELAN, demonstra que esse sinal vem passando por um processo de reanálise funcional, deslocando-se de usos mais lexicais ou pragmáticos para desempenhar funções gramaticais específicas, especialmente como conector em construções coordenadas e subordinadas. O estudo mostra que o PALM-UP atua em relações conjuntivas, adversativas, causais e conclusivas, e desempenha papéis discursivos ligados à manutenção do turno e à ênfase informacional. Ao discutir esse fenômeno, o artigo apresenta processos de mudança linguística em curso na Libras, destacando como elementos originalmente gestuais ou pragmáticos podem ser incorporados à gramática, reforçando o caráter dinâmico e emergente das línguas de sinais.

Complementando esse eixo, o artigo *Tendência global das pesquisas sobre a prosódia das línguas de sinais*, de Suelismar Mariano Florêncio Barbosa, apresenta uma análise cienciométrica que oferece uma visão panorâmica e sistematizada da produção científica internacional sobre prosódia em línguas de sinais. A partir do levantamento de publicações indexadas em bases como *Web of Science*, *Scopus* e *SciELO*, o estudo identifica padrões de crescimento, distribuição geográfica, redes de colaboração e principais periódicos da área. Os resultados indicam uma predominância de abordagens fonológicas centradas nos marcadores não manuais, bem como uma concentração de pesquisas em determinados países, o que evidencia assimetrias na produção do conhecimento. Além de mapear tendências, o artigo aponta lacunas importantes, como a necessidade de maior atenção a línguas de sinais menos documentadas e a adoção de metodologias tecnológicas mais sofisticadas, como sistemas de captura de movimento. Assim, o trabalho contribui para o campo da prosódia e para reflexões meta-científicas sobre os rumos da linguística das línguas de sinais.

Um segundo eixo reúne investigações sobre variação, mudança linguística e diversidade regional, dimensões fundamentais para a compreensão da heterogeneidade constitutiva da Libras e de seus processos históricos de constituição.

No artigo sobre a variação isoléxica do sinal “refrigerante” na Região Nordeste, Mardonio Oliveira oferece uma contribuição importante para os estudos dialetológicos em línguas de sinais ao investigar a distribuição regional de variantes lexicais associadas a um mesmo conceito. Com base em pressupostos da Sociolinguística Variacionista e da Dialectologia, o autor analisa dados provenientes do *Corpus de Libras* e de registros coletados com sujeitos surdos em diferentes estados nordestinos, mapeando as múltiplas formas assumidas pelo sinal. O estudo mostra que a Libras apresenta forte diversidade regional, marcada por condicionamentos geográficos, históricos e socioculturais. Um aspecto particularmente relevante é a identificação de variantes não registradas nos bancos de dados atualmente disponíveis, o que aponta para lacunas na documentação linguística e reforça a necessidade de ampliação dos corpora regionais. Ao valorizar essa pluralidade, o artigo se posiciona criticamente frente a perspectivas excessivamente normativas ou padronizadoras, defendendo o reconhecimento da diversidade lexical como expressão legítima das identidades surdas locais.

Em diálogo com essa temática, o artigo de Cleyton Santos e Kátia Lucy Pinheiro aprofunda a discussão sobre as variações regionais da Libras e suas implicações na (in)compreensão entre surdos brasileiros. O estudo desloca o foco da descrição puramente variacionista para os efeitos comunicacionais e pedagógicos decorrentes dessa diversidade, analisando como diferentes comunidades surdas experienciam a circulação de sinais de outras regiões do país. A partir de entrevistas e de reflexões ancoradas em dados do Corpus de Libras da UFC, os autores evidenciam que, embora a variação nem sempre constitua uma barreira intransponível, ela pode gerar ruídos de compreensão, especialmente em contextos educacionais formais, como o ensino bilíngue. O texto destaca ainda a importância das diferenças geracionais na aquisição da Libras, mostrando como jovens, adultos e idosos podem apresentar repertórios distintos em razão de processos históricos diversos de escolarização e socialização linguística. Trata-se, portanto, de uma contribuição relevante para pensar a relação entre diversidade linguística, ensino e políticas educacionais voltadas à comunidade surda.

Ainda nesse eixo, o trabalho de Luciana Araújo dos Santos e Jorge Fernandes da Silva propõe uma reflexão densa sobre as influências culturais e históricas na criação e

na modificação do sinal referente ao estado do Acre. Mais do que uma análise lexical, o artigo problematiza os processos de mudança do sinal à luz de disputas identitárias, memórias coletivas e políticas de representação. Os autores demonstram que a alteração de um sinal toponímico não pode ser compreendida apenas como uma substituição formal. Ela deve ser interpretada como um fenômeno imbricado com a história do povo surdo acreano, com as narrativas regionais e com as marcas culturais e indígenas que atravessam a constituição desse signo. Nesse sentido, o estudo evidencia tensões entre tradição e inovação, entre oficialização institucional e usos comunitários, e entre padronização e pertencimento cultural. Ao problematizar as consequências simbólicas dessas mudanças, o artigo amplia o debate sobre política linguística em Libras e sobre os processos de legitimação de sinais socialmente convencionados.

O artigo de Alexandre Melo de Sousa apresenta o Projeto Atlas Toponímico em Libras do Brasil (ATLIB), fundamentado na Onomástica para investigar como a cultura e o contato linguístico moldam a nomeação de lugares. Ao analisar dados de pesquisas já realizadas, o autor demonstra que a formação desses sinais é fortemente influenciada pelo português escrito, com 62,3% dos dados apresentando inicialização ou estruturas híbridas, ao passo que 30,2% derivam de processos internos da Libras. As pesquisas revelam que a toponímia em sinais reflete uma dinâmica linguística complexa, evidenciando a necessidade de expandir iniciativas de mapeamento linguístico que documentem a relação entre o léxico visual-espacial e a organização sociocultural do território brasileiro.

Fechando esse segundo eixo, a análise de Neiva de Aquino Albres sobre os sinais-nome da família Aquino, em Campo Grande (MS), oferece uma abordagem sociológica e histórica de grande relevância para os estudos sobre identidade nas comunidades surdas. Ao investigar os sinais-nome atribuídos aos membros da família entre as décadas de 1940 e 1960, a autora reconstrói os modos pelos quais características físicas, traços comportamentais, profissões, ações e marcas narrativas foram sendo condensados em sinais que operam como signos identitários e culturais. O artigo mostra que esses sinais-nome emergem em um momento de consolidação da língua de sinais no Brasil, refletindo processos de redução de expressões icônicas e pantomímicas em formas linguísticas mais estabilizadas. A análise mostra como os sinais-nome funcionam como lugares de memória e pertencimento, e registram aspectos das relações sociais e das formas de narrativização

da experiência surda em contextos históricos específicos. Trata-se de um estudo que articula língua, cultura e história de maneira particularmente sensível e original.

Um terceiro eixo contempla estudos que articulam linguagem, discurso, semiótica e práticas sociais, ampliando o escopo da linguística para interfaces interdisciplinares e evidenciando o papel da linguagem na produção de sentidos em contextos estéticos, educacionais e institucionais.

No artigo dedicado à dimensão retórica da Libras, Suelismar Mariano Florêncio Barbosa propõe uma análise inovadora ao mobilizar a semiótica tensiva para investigar um videopoema sinalizado. Partindo do exame do texto *V&V (2018)*, o autor demonstra como variações prosódicas (especialmente aquelas que tensionam ou rompem a normatividade lexical) operam como estratégias de persuasão afetiva na enunciação visuoespacial. A análise evidencia que tais variações não constituem desvios aleatórios. Trata-se de procedimentos sistemáticos que produzem efeitos de intensificação, modulando a experiência sensível do enunciatário. Ao articular categorias como intensidade e extensidade, o estudo revela como a materialidade da sinalização pode ser explorada esteticamente, promovendo uma expressividade que transcende o nível estritamente linguístico e alcança dimensões poéticas e retóricas. Trata-se, assim, de uma contribuição relevante para os estudos sobre literatura em línguas de sinais e para a compreensão das potencialidades estéticas da Libras.

No artigo *Entre gestos e algoritmos: inteligência artificial e as novas fronteiras da fonologia visual*, Denis Ramón Funes Flores propõe uma reflexão crítica sobre o modo como sistemas de inteligência artificial têm abordado, e frequentemente reduzido, a complexidade linguística das línguas de sinais. Partindo de uma revisão teórico-crítica, o autor evidencia que muitos modelos computacionais de reconhecimento de gestos operam a partir de uma perspectiva instrumentalizada, que desconsidera parâmetros fundamentais da fonologia das línguas de sinais, tais como configuração de mão, movimento, localização, orientação e, sobretudo, as expressões não manuais. Ao problematizar essa lacuna, o artigo argumenta que a ausência de uma base linguística robusta na modelagem computacional pode reforçar desigualdades no acesso à informação e à comunicação para pessoas surdas. Como encaminhamento, defende-se a necessidade de construção de corpora anotados com rigor fonológico, bem como o fortalecimento de parcerias interdisciplinares que integrem linguistas, cientistas da computação e pesquisadores

surdos. O trabalho, assim, contribui para a consolidação de uma agenda de pesquisa que articule linguística e tecnologia de forma ética, inclusiva e teoricamente fundamentada.

No campo da educação, o trabalho de Risonete Amorim discute o letramento crítico no ensino de língua portuguesa, destacando a centralidade da dialogicidade nos processos de ensino e aprendizagem. Ancorado em referenciais como Paulo Freire e nos estudos contemporâneos dos letramentos, o artigo propõe uma abordagem que ultrapassa a dimensão técnica da leitura e da escrita, concebendo-as como práticas sociais situadas e atravessadas por relações de poder. A autora destaca a importância de promover, em sala de aula, experiências que possibilitem aos sujeitos interpretar, problematizar e ressignificar os discursos com os quais interagem, favorecendo a construção de posicionamentos críticos e reflexivos. Ao incorporar a multimodalidade e reconhecer a diversidade linguística e cultural dos estudantes, incluindo contextos bilíngues envolvendo Libras e português, o estudo aponta para práticas pedagógicas mais inclusivas e emancipatórias, alinhadas às demandas contemporâneas da educação.

Por sua vez, o artigo de Ana Carla Silva, Nicole Javarotti Alves, Rute Cristina da Silva Coutinho e Etefania Cristina Pavarina analisa a leitura como prática de mediação semiótica no contexto prisional, concebido como uma semiosfera marcada por processos de exclusão e desumanização. A partir de uma abordagem qualitativa e de um diálogo com a semiótica cultural e a tradição peirceana, as autoras investigam como a leitura pode atuar como instrumento de ressocialização, promovendo o desenvolvimento cognitivo, a empatia e a reconstrução identitária de sujeitos privados de liberdade. Ao mobilizar as categorias de primeiridade, secundidade e terceiridade, o estudo descreve o percurso interpretativo que vai das impressões sensíveis iniciais à elaboração de interpretações críticas e à apropriação de conhecimentos. O artigo evidencia, ainda, que a efetividade de práticas como a remição de pena pela leitura depende de políticas institucionais consistentes, capazes de garantir acesso a acervos diversificados e à mediação qualificada. Dessa forma, a leitura é compreendida como prática pedagógica e como estratégia semiótica de humanização e exercício de cidadania.

Por fim, um quarto eixo reúne contribuições que exploram interfaces entre linguística, tecnologia e contemporaneidade, focalizando os impactos das transformações digitais e algorítmicas sobre a linguagem, a produção de sentido e os modos de circulação do conhecimento.

O artigo *Ficção artificial, realidade semiótica: a leitura crítica da literatura gerada por IA na sala de aula*, de Denis Ramón Funes Flores, desloca o foco para os efeitos da inteligência artificial na produção e interpretação de textos literários. Ancorado em referenciais da semiótica e das teorias do suporte, o estudo analisa a literatura gerada por IA como um novo objeto semiótico, cuja materialidade digital e cujos protocolos algorítmicos reconfiguram as noções tradicionais de autoria, intencionalidade e leitura. O autor argumenta que, diante da crescente hibridização entre linguagem humana e algorítmica, torna-se imprescindível desenvolver práticas pedagógicas que capacitem os estudantes a problematizar criticamente esses textos, interrogando os regimes de verdade, os processos de produção e os condicionantes técnicos envolvidos. Em vez de uma postura de rejeição ou adesão acrítica, propõe-se uma abordagem formativa que reconheça a complexidade semiótica da contemporaneidade e promova o letramento crítico em ambientes multimodais. Dessa forma, o artigo contribui para repensar o ensino de literatura e linguagem em tempos de inteligência artificial, destacando a centralidade da reflexão crítica frente às novas formas de textualidade.

Por fim, o artigo de Helena Farias Gaia, intitulado *Experiências, crenças e identidade na formação do professor de língua: cultura inglesa e o estágio supervisionado: o discurso de professores e futuros professores*, investiga os processos de constituição identitária no contexto da formação docente. A partir da análise dos discursos de professores em exercício e de licenciandos em estágio supervisionado, o estudo evidencia como experiências formativas e crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas influenciam a construção de posicionamentos profissionais. O artigo destaca o estágio supervisionado como espaço privilegiado de reflexão e (re)significação dessas crenças, revelando tensões entre teoria e prática.

Ao reunir esses estudos, o dossiê evidencia a vitalidade da linguística das línguas de sinais e sua capacidade de dialogar com diferentes campos do conhecimento, produzindo análises que vão da descrição estrutural à reflexão crítica sobre linguagem, sociedade e tecnologia. Trata-se, portanto, de um conjunto que reafirma a centralidade das línguas de sinais no debate linguístico contemporâneo e aponta para a necessidade de continuidade e aprofundamento das pesquisas, com especial atenção à diversidade linguística, ao protagonismo surdo e às transformações sociais em curso.

Referências

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm Acesso: 19 abr. 2026.

BRASIL. **Lei 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm Acesso em: 19 abr. 2026.

FERREIRA-BRITO, L. Similarities and differences in two sign languages. **Sign Language Studies**. v. 42, p. 45-46. Silver Spring: Linstok Press, 1984.

FERREIRA-BRITO, L. Epistemic, alethic, and deontic modalities in a Brazilian Sign Language. *In*: FICHER; SIPLE (Eds.). **Theoretical Issues in Sign Language Research**. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

QUADROS, R. M. **Libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

QUADROS, R. M. **Phrase structure of Brazilian sign language**. Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre, 1999.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M.; SILVA, J. B.; ROYER, M.; SILVA, V. R. (orgs.). **Gramática da Libras**, v.1. Rio de Janeiro: INES, 2023a.

QUADROS, R. M.; SILVA, J. B.; ROYER, M.; SILVA, V. R. (orgs.). **Gramática da Libras**, v.2. Rio de Janeiro: INES, 2023a.

STOKOE, Willian. **Sign Language structure: na outline of the communication systems of the American deaf**. Studies in Linguistics. Buffalo: Department of Anthropology and Linguistics, University of Buffalo, 1960.